

O DUPLO AMOR DE GILKA MACHADO

Maria Júlia Santana Valério (UFRJ)
juliasantanna@live.com

RESUMO

Apesar de já haver, mesmo que em minoria, mulheres escritoras no início do século XX, Gilka Machado pode ser considerada a primeira a colocar uma voz feminina em seus poemas. Esse é o momento da literatura brasileira em que a mulher sai do lugar de objeto da ação e assume uma posição central, passa a ter um lugar de agente. Dessa forma, o objeto de estudo do presente trabalho é o poema intitulado “Poema de Amor”, de seu segundo livro, publicado em 1917, *Estados de Alma*. Dessa forma, o artigo buscará fazer uma ponte entre dois tipos de relações amorosas presentes, não só nesse poema, mas no *Estados de Alma* como um todo: o amor carnal, erótico e sensualizado – seja bilateral ou unilateral – e o amor etéreo, espiritual, encenando uma dialética espacial de proximidade e distância entre as “almas” envolvidas – sendo a palavra “alma” recorrente na obra de Gilka Machado. Para tal leitura, a crítica simbolista será fundamental, uma vez que a autora está enquadrada nessa escola literária; é importante consultar os críticos da época, que valorizaram os lançamentos de seu tempo. A recepção do calor da hora se encontra em *Cartas à Gente Nova*, de Nestor Vitor, em 1924; já *O Simbolismo*, de Moisés Massaud, de 1966, fornece-nos, a princípio, uma leitura posterior da totalidade da obra. O objetivo do trabalho, portanto, é trazer à tona obras que foram esquecidas pelo cânone brasileiro e mundial, tanto literário quanto crítico, e, principalmente, discutir o papel da mulher na literatura, desde a mulher como escritora até a mulher como eu lírico, refletindo sobre a irredutibilidade de suas questões. Esses são dois temas necessariamente complementares já que, ao questionar o cânone, se questiona também a hegemonia masculina na literatura.

Palavras-chave:

Amor. Etéreo. Erótico. Feminismo. Gilka Machado.

1. Introdução

Gilka Machado foi uma poetisa que nasceu no final do século XIX e viveu até 11 de dezembro de 1980. Foi uma das primeiras mulheres no contexto brasileiro a tirar a mulher da posição do objeto e colocá-la como sujeito das ações. A partir daquele momento, com Gilka Machado, o eu lírico poderia ser feminino e a autora não precisava mais se esconder por trás de um codinome masculino, como fizeram várias antecessoras. Além de ocupar essa posição revolucionária de mulher escritora no começo do século XX, podemos encaixá-la em um movimento literário que é comumente renegado pela crítica, o Simbolismo. Dessa forma, Gilka é duplamente esquecida: tanto por ser mulher, quanto por ser simbolista.

Seus temas eram bastante polêmicos, envolvendo a sexualidade feminina, assunto considerado tabu naquela época, principalmente vindo de uma moça tão jovem – Gilka publicou seu primeiro livro, *Cristais Partidos*, com 22 anos, mas antes disso já ganhara, com 14 anos, os três primeiros lugares de um concurso de poesia feito pelo jornal *A Imprensa*, segundo a professora Maria Lúcia Dal Farra, no prefácio de *Poesias Completas* de 2017. Foi extremamente criticada por sua temática, sendo considerada por muitos críticos uma mulher imoral.

No presente trabalho, vamos nos deter no segundo livro de sua carreira, *Estados de Alma*, publicado em 1917, e em especial no poema intitulado “Poema de Amor” que trata de questões relacionadas a um sujeito amante e um objeto amado. Nele, a poetisa traça um contexto em que questões como distanciamento entre o eu e o amado e ascese estão bastante presentes, uma vez que ela traz a temática do amor, focando, muito em particular, a distância entre os envolvidos e uma consequente ascese do eu lírico praticada de modo que haja o encontro. A ascese, segundo Foucault, é um adestramento de si por si mesmo (1992, p.132), ou seja, são ações que o indivíduo pode tomar para que possa ensinar a si próprio determinado assunto. O ato de escrita pode ser considerado uma atividade ascética.

Não podemos esquecer, por outro lado, o caráter erótico que esse poema pode tomar. No geral, é possível uma leitura de dois pólos: o pólo erótico, que trata de um amor corporal e o etéreo, que aborda um amor entre almas, a partir de uma distância imposta a ambos. Entretanto, veremos que essa aparente dicotomia, na verdade, diz respeito a noções complementares: a distância partilhada que aparece no “Poema de Amor” complementa o erotismo que está em evidência não só nesse poema como em toda a sua obra. Se levarmos em consideração a definição de Bataille, “erotismo” significa a busca psicológica de uma continuidade que a atividade sexual, em tese, pode oferecer (BATAILLE, 1987, p. 11). Veremos mais adiante que essa busca da continuidade se dá a partir do desejo de superação da distância, uma vez que há a necessidade da superação do abismo existente entre os dois seres.

2. *Distância*

“Poema de amor” é um poema longo e dividido em diversas partes, que podem ser lidas separadamente ou em conjunto. Apesar disso não ficar claro em algumas edições mais atuais, trata-se de um poema único, e fica a

critério do leitor-crítico se ele deve ser analisado em partes ou em conjunto. Ambas as leituras são possíveis e, para facilitar o entendimento, assumiremos neste trabalho que é um longo poema cujas partes conversam entre si, mas vamos nos valer apenas da análise do segundo e terceiro sonetos apresentados.

Eu amo as amplidões, os largos descampados
onde póde a minha alma as azas espalmar;
amo o desdobramento encantador dos prados
em que erra e se fatiga o meu ancioso olhar.

Eu amo o longe, o vago, os mundos ignorados
e o deserto ondulante e intermino do mar,
quando só vejo céu, céu de todos os lados,
e agua a se distender e a se indeterminar.

Amo a longinquidade altíssima dos cumes
dos montes; amo os sons, só porque elles me dão
sensações de infinito, assim como os perfumes.

Amo-te (e neste amor o meu gosto se apura),
porque me perco em ti numa vastidão,
porque ao teu lado sinto a vertigem da altura. (MACHADO, “Poema de amor”, in. *Estados de Alma*, 1917)

Endereçado a Amor, o soneto traz constantemente a questão da distância entre a amante e o amado, ou seja, do vazio existente entre eles. No seu decorrer, não há momento em que exista uma proximidade corporal entre o eu lírico e o interlocutor, apesar do eulírico sempre trazer uma relação de contato entre almas. Dessa forma, entende-se que há, não um contato entre corpos, não um contato carnal, mas sim a tentativa de relação entre ambas as almas. Nesse contexto, “alma” é entendida como a parte espiritual e não-mundana do corpo individual. O corpo, na maioria das vezes, não é colocado em questão, uma vez que há toda essa distância para ser percorrida entre a amante e o amado, o objeto do amor. Em certos momentos, há toques e troca de olhares, mas esse contato parece ser apenas entre as almas e nunca entre os corpos.

Assim, o eulírico não parece querer diminuir essa distância material entre os corpos, como é possível perceber em diversas partes, principalmente no segundo soneto do poema: “Eu amo as amplidões, os largos descampados/ onde pode a minha alma as azas espalmar;/ amo o desdobramento encantador dos prados/ em que erra e se fatiga o meu ancioso olhar” (MACHADO, 1917, p. 68). O eu lírico não apenas aceita muito bem essa distância, como a ama e não quer percorrê-la uma vez que, ao

fazer isso, desfaz o vazio existente entre esses corpos e não é mais possível o encontro entre almas. O que essa alma busca, na realidade, é o apagamento do mundo carnal, distanciando-se de tudo relacionado ao corpo, de forma que o único contato estabelecido com um outro ser é entre os amantes e espiritual. A alma busca, assim, uma ascese de negação do corpóreo, estabelecendo relação de proximidade coma alma do amado.

Para fins de comparação, é importante trazer Marguerite Porete, mística beguina medieval, nascida onde hoje é o limite entre a Bélgica e a França. Foi a primeira mulher a ser morta pela Inquisição em 1310, acusada de heresia, tendo vivido numa época em que o cristianismo estava em grande ascendência, o que deixou os conventos extremamente lotados, impedindo que muitas moças da aristocracia entrassem na vida institucional da Igreja. Então, mulheres que não conseguiram espaço dentro da Igreja Católica se uniram “em comunidades pias, ganhando reconhecimento de beguinas, em torno do ano de 1230” (TEXEIRA, 2008, p. 18). A partir dos escritos recentemente atribuídos à autora, pode-se dizer que Porete foi, se não pertencente ao grupo de mulheres que se denominavam beguinas, adepta ao estilo de vida delas.

Porete escreve um manual de condução das almas, *Espelho das almas simples*, em que ela ensina como a Alma deve abrir mão de todos os processos mundanos, de todas as Virtudes e de todas as vontades próprias e hospedar unicamente o Amor. No entanto é importante que a Alma contenha o Amor dentro de si, de modo que o Amor seja comandado pela Alma e nunca o contrário (2008, p. 40). Se o Amor comandar a Alma, ela passa ser um ser cheio de desejos que nem sempre podem ser cumpridos, desvirtuando-a do caminho da ascese e do encontro com o divino. Dessa forma, apenas o Amor deve estar contido na Alma, que, por sua vez, deve se livrar de todas as sensações mundanas para poder manter a relação com Deus.

É possível estabelecer relações entre a ascese encontrada no “Poema de amor” e a ascese necessária para o encontro com o divino segundo Porete. Ambas dependem intrinsecamente das respectivas figurações do Amor e ambas estabelecem relações a partir da distância entre a alma e seu objeto do amor. A ascese de Gilka se relaciona com o encurtamento espiritual da distância; já foi dito que a alma necessita dessa distância corpórea para que haja uma ascese de fato, mas ela precisa encurtar espiritualmente esse vazio entre uma alma e outra. Talvez seja um paradoxo: é necessário que haja uma distância corpórea que nunca pode ser transposta para que ocorra a proximidade espiritual, a proximidade entre al-

mas. Além disso, o Amor, em Gilka, parece ser um vocativo correspondente ao amado, de forma que Amor é o objeto para o qual o sentimento é direcionado, diferente do que acontece em *Espelho das almas simples*.

Em Porete, a questão é outra; Amor é a personificação do sentimento, de forma que não há um objeto para qual esse sentimento é direcionado, uma vez que, se isso acontecesse, haveria um problema em relação à ascese da Alma. Entretanto, da mesma forma que em Gilka, a ascese é necessária para que haja o encontro com o Amor. É necessário abrir mão de todas as sensações mundanas e ter só o Amor dentro de si para que a experiência aconteça.

Nesse encontro que ocorre a partir da ascese do mundo corpóreo, as almas se misturam, porque são infinitas e uma se perde na vastidão da outra, de forma que a distância e a proximidade não importem mais, uma vez que o infinito não tem começo nem fim. Sendo assim, o paradoxo da proximidade-distância entre as almas se dissipa perfeitamente na última estrofe: “Amo-te (e neste amor o meu gosto se apura),/ porque me perco em ti numa vastidão,/ porque ao teu lado sinto a vertigem da altura”. Apesar da distância corpórea, é possível o encontro, uma vez que as almas são infinitas e estão sempre próximas, basta os amantes perceberem.

3. O Erotismo e a Crítica

A título de comparação, podemos ver, no soneto que se segue, um caráter um pouco mais erótico. Vale dizer que esses dois conceitos não são necessariamente opostos e, como dito antes, são, na realidade, complementares. Georges Bataille traça três tipos de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo do sagrado. Para ele, os três conceitos dizem respeito a uma questão: diminuir o isolamento do ser e substituir descontinuidade pela continuidade profunda e isso se dá pelas três formas de erotismo. Em Machado, parece haver os três tipos de erotismo definido por Bataille.

Esse isolamento conversa com o que vimos no soneto anterior, de forma que a distância entre amante e amado torna-se um abismo que nunca deve ser transposto por ser impossível, uma vez que somos seres compostos pelo isolamento e pela descontinuidade. Dessa forma, a busca pelo amado é uma forma de erotismo, ao buscar a continuidade entre eles não necessariamente transpondo a distância imposta.

No soneto que se segue, por outro lado, o eu-lírico trata mais diretamente do “corpo, a carne impura e viva”.

Longe de ti, minha ancia exige-te ao meu lado,
quer te sentir o corpo, a carne impura e viva,
quer a certeza ter de que estás humado,
gosar todo o calôr que de ti se deriva.

Mas, não sei si porque tanto te haja sonhado,
Esta paixão se fez apenas subjectiva;
corro a ti! (e o meu ser é um chamamento, um brado...)
– cada vez mais de mim tua fôrma se esquivava.

Busco-te: logo vens; sinto-te os passos lestos
e subtis (mais subtis só caminham as brisas),
trazes odôr na voz, nos olhares, nos gestos.

E, de ti perto, toda esta ancia se resume
em ter a persuasão de que te evaporisas,
em ficar a absorver-te, a gosar-te em perfume. (MACHADO, “Poema de amor”, in. *Estados de Alma*, 1917)

Bataille afirma que há um abismo entre todos os seres e por mais que tentemos transpô-lo e nos aproximar de outros seres, é uma tarefa impossível. E o erotismo é esse desejo de transformar a descontinuidade e o isolamento de cada ser em uma continuidade, compartilhando os corpos ou os corações, diferenciando o erotismo dos corpos e o erotismo dos corações. O que vemos em Gilka Machado é mais um erotismo dos corações e um erotismo sagrado – o autor também afirma que todo erotismo é sagrado até certo ponto – deforma que os amantes se encontram por meio do que chamamos popularmente de “paixão”, ou pelo menos é assim que o eu lírico apresenta-nos.

Como em praticamente todo o “Poema de Amor”, esse soneto também diz respeito ao amado que está distante e o eulírico tem o desejo de encontrá-lo. Entretanto, temos um caráter um pouco mais terreno, uma vez que busca-se uma conexão corporal entre amante e amado; há elementos palpáveis aos cinco sentidos, principalmente ao tato, sentindo, literalmente a pele, a carne, o corpo do amado “quer te sentir o corpo, a carne impura e viva”. Não está em questão se isso é um contato corporal de fato ou se é a só a idealização do ato; se pensarmos no poema como um todo, em que o amante está sempre longe, parece-nos, então, que é uma idealização. De toda forma, o eulírico vai por um viés diferente do que foi visto no primeiro soneto, utilizando-se de ações corporais.

É interessante perceber como o eulírico sente algo semelhante à culpa, provavelmente por se tratar do que Bataille chama de erotismo dos corpos, um erotismo ligado à atividade sexual que o homem trata de esconder normalmente e mais ainda se tratando de uma mulher escritora. Os críticos da época não aceitaram muito bem seu livro anterior, *Cristais Partidos*, por ter um teor que ia além do que uma mulher da época poderia escrever. O crítico Nestor Vitor traça uma série de elogios a autora dizendo, em uma carta para a própria poetisa, que “só com injustiça se lhe não dirá muito bem de seu livro, tanto mais tratando-se de um livro de estreia” (VÍTOR, 1912, p. 18). Na mesma carta, não em tom de crítica ao que parece, afirma que “haverá quem desejasse encontrar neste livro uma castidade que ele não tem, ou pelo menos um recato feminino de que ele representa a negação”. Para Vitor, isso não parece uma questão, desde que Gilka aceitasse seus textos nunca seriam bem aceitos no público “verdadeiramente feminino”, já que ela decidira, de acordo com ele, transpor a questão de gênero e escrever além disso.

V. E. não sonha, por certo, com o aplauso das almas verdadeiramente femininas. Suas aspirações, em arte, parece, independem de seu sexo. Ficará satisfeita, pois, em ser julgada nas suas obras com perfeita abstração de tal circunstância. (VÍTOR, 1912, p. 18)

Atualmente, essas as afirmações são, no mínimo, problemáticas, uma vez que trata o masculino como gênero neutro e o feminino como o outro. Ou seja, se Gilka Machado transpôs que escreve independente do gênero é porque, mesmo sendo uma mulher, escreveu bem o suficiente para que fosse elogiada por diversos críticos da época (e foi criticada pelos mesmos motivos).

4. Conclusão

Com base em dois sonetos que compõem o poema intitulado “Poema de Amor” inserido no segundo livro de Gilka Machado, *Estados de Alma*, percebemos que há dois tipos diferentes de amor, a princípio excludentes: o amor erótico e o amor etéreo. Contudo, no decorrer dos estudos, notamos que, na verdade, esses dois tipos de amores são complementares entre si, um sendo a continuidade do outro.

Se o erotismo, segundo Bataille, é a busca pela continuidade, uma vez que somos descontínuos, isolados e há um abismo entre um ser e outro, podemos, então, estabelecer relação entre a distância existente entre os amantes na maior parte do “Poema de Amor” e o erotismo em sim.

Dessa forma, o poema inteiro pode ser considerado erótico, mas de um erotismo do sagrado em sua maior parte do tempo. O erotismo dos corpos nunca vai se concretizar, uma vez que essa distância nunca se encurta, e o que acontece no segundo poema apresentado é apenas uma “eterização” do encontro entre os amantes, está apenas no imaginário do eu lírico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre, RS: L&PM, 1987.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160

MACHADO, Gilka. **Estados de Alma**. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1917.

PORETE, Marguerite. *Espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Trad. e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

TEXEIRA, Faustino. Apresentação. In: PORETE, Marguerite. *Espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VÍTOR, Nestor. *Cartas à gente nova*. Rio de Janeiro-RJ: Anuário do Brasil, 1912.